



PRÁTICA DOCENTE e ATIVIDADE LITERÁRIA



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

CAFÉ LITERÁRIO E ACADÊMICO PRÁTICA DOCENTE E ATIVIDADE LITERÁRIA

ORGANIZADORES

Rogers Mendes Vasconcelos
Paulo Venício Braga de Paula
Ana Paula Silva Ferreira Gadelha

Fortaleza- Ceará
2017



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Secretaria da Educação

Camilo Sobreira de Santana
Governador

Maria Izolda Cella de Arruda Coelho
Vice-Governadora

Antonio Idilvan de Lima Alencar
Secretário da Educação

Márcia Oliveira Cavalcante Campos
Secretária Adjunta da Educação

Rita de Cássia Tavares Colares
Secretária Executiva da Educação

Danielle Taumaturgo
Assessoria Institucional

Julianna da Silva Sampaio
Assessoria de Comunicação - ASCOM

Rogers Vasconcelos Mendes
Coordenador da CODEA/Gestão Pedagógica

Iane Terceiro Nobre
Orientadora da Célula de Currículo e Formação

Elane Maria Feijó Borges
Orientadora da Célula de Desenvolvimento do Currículo e da Aprendizagem

Paulo Venício Braga de Paula
Centro de Documentação e Informações Educacionais

Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Cordenadoria de Desenvolvimento da Escola/ Gestão Pedagógica

Conselho Editorial

Prof. Adriano Silva Lima
Prof. Alexandre Leite
Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Prof. Cintia Kelly Barro Oliveira
Prof. Daniel Vasconcelos Rocha
Profa. Ely Almeida
Profa. Fabiana Skeff
Prof. Felipe Fontenele
Prof. Genivaldo Macário Castro
Profa. Gleissiane Ferreira
Prof. Hylo Leal Pereira
Profa. Iane Terceiro Nobre
Prof. Jenilson Sousa Nogueira
Prof. Jeimes Mazza
Profa. Liduina Maria de Paula Medeiros
Prof. Rickardo Leo Ramos Gomes
Prof. Rosendo Amorim de Freitas
Profa. Paula de Carvalho Ferreira
Prof. Paulo Venício Braga de Paula
Profa. Sandra Ma Silva Leite Reis
Profa. Tereza Cristina de Freitas Oliveira
Profa. Varele Gama Silva

Edição

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica

Prof. Paulo Venício Braga de Paula

Revisão

Profa. Paula de Carvalho Ferreira
Profa. Liduina Maria de Paula Medeiros
Profa. Cristina Márcia Maia de Oliveira

Produção Gráfica
Gráfica Digital da SEDUC | ASCOM

Diagramação e Arte-Final
Gráfica Digital da SEDUC

Arte da Capa
Alain RM

Normalização Bibliográfica
Elizabete de Oliveira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C387c Ceará. Secretaria da Educação.
Café Literário e Acadêmico: Prática docente e atividade
literária / Secretaria da Educação; Organizadores Rogers
Mendes Vasconcelos... [et al]. - Fortaleza: SEDUC, 2017.
48p.;

ISBN: 978-85-8171-162-1

1. Prática docente. 2. Atividade literária. I. Vasconcelos,
Rogers Mendes, org. II. Paula, Paulo Venicio Braga de,
org. III. Gadelha, Ana Paula Silva Ferreira, org. IV. Título.

CDD 371.1

www.seduc.ce.gov.br



www.facebook.com/EducacaoCeara

Sumário

Apresentação	06
Introdução	08
A importância da atividade literária para a prática docente: espaços e possibilidades de discussão	11
Memorial Literário - Professores autores	19
Caminhos Pedagógicos: práticas em sala de aula	31
In(conclusões)	45

Apresentação

Nos últimos anos, o mês de outubro tem se caracterizado emblematicamente como o mês do professor. Com base nessa perspectiva, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará, por meio da Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem (CODEA) – Gestão Pedagógica, dedicou-se à promoção dos Cafés Acadêmico e Literário, cujo foco é a divulgação e partilha de experiências pedagógicas e da produção literária dos professores e das professoras da rede estadual de educação.

O Café Literário, realizado às terças-feiras do mês de outubro de 2016, caracterizou-se como experiência estética ímpar no âmbito de toda a Secretaria da Educação. Diversos segmentos foram mobilizados nesta grande ação educacional: professores, estudantes, gestores e técnicos.

Nele, tivemos o prazer de partilhar a contemplação de textos literários produzidos por professores da rede pública estadual de educação, tendo como mediadores professores da rede estadual de educação e de instituições de ensino superior com renomada atuação no campo dos estudos literários.

Permeados por gêneros textuais diversos, tais como: cordel, poema, romance, conto e crônica, os Cafés Literários oportunizaram melhor conhecimento de elementos variados da cultura cearense e brasileira.

Por meio deles, podemos perceber, inclusive, a estreita relação que vem sendo construída, por vários professores da rede, entre os estudos literários, a prática da criação estético literária e o ensino.

Desta forma, a sala de aula e a escola mostram-se como locus privilegiado ao desenvolvimento de ações interdisciplinares perpassados pelo fio condutor da arte, inerente ao fazer literário.

A Secretaria da Educação aposta em ações como o Café Literário e Acadêmico para difundir cada vez mais as práticas pedagógicas relacionadas ao uso do texto literário enquanto caminho de incentivo à leitura e fortalecimento das práticas pedagógicas de letramento.

CODEA - Gestão Pedagógica

Introdução

O projeto intitulado “Café Literário e Café Acadêmico” se constituiu de uma série de eventos organizados pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará, e objetivou divulgar e apresentar as produções literárias e acadêmicas dos educadores de sua rede de ensino. Realizou-se, pela primeira vez, durante o mês de outubro de 2016, buscando incentivar o protagonismo docente e valorizar as produções literárias e acadêmicas de seus professores. O protagonismo aposta na autonomia e na construção da sua identidade profissional do docente. Este é o sujeito de sua própria formação, uma autoconstrução nunca acabada, nem em nível coletivo, tampouco em nível individual. Assim, o professor é, a um só tempo, um sujeito múltiplo e se faz protagonista de sua atividade artística, científica e acadêmica.

O Café Literário consolidou-se numa roda de conversa na qual o (a) professor (a) apresentou sua experiência literária. O Acadêmico, por sua vez, culminou na exposição do docente acerca de uma pesquisa sobre educação e escola, relatando a experiência como pesquisador. Durante o projeto foram selecionadas dezoito produções de cada um deles e apresentadas ao longo do mês. Dentre as categorias destinadas ao Café Literário, as obras dos docentes poderiam versar sobre os seguintes gêneros literários: romance; conto; poema; cordel; história em quadrinhos; crônica; novela; composição musical e peça teatral. Já para o Acadêmico, as categorias de escolha poderiam ser ensaio, artigo científico, monografia, dissertação e tese. O objetivo era apresentar a motivação para produção, expor as ocasiões em que o trabalho foi apresentado e demonstrar a relação da produção com o trabalho de professor.

No que se refere aos professores selecionados para o Café

Literário, observa-se que muitos já tiveram suas obras expostas ao público leitor, ou em participações em editais de publicação de livros ou custeadas por meios próprios, além de utilizarem sua arte e seus artefatos em sua prática pedagógica e obterem participações em antologias locais e nacionais. Muitas das produções são frutos de pesquisa sobre a temática que resultaram em romances, contos, crônicas, poemas, músicas e escritas de cordéis, este último, gênero de linguagem acessível à sala de aula e uma ferramenta importante de produção e troca de conhecimentos devido à temática variada, multidisciplinar e transversal.

No que tange às produções de romances e de contos, observa-se o trabalho com referências históricas, artísticas e culturais e o processo de criação literária, que funciona como prática enriquecedora para o ensino de Literatura na profissão docente. No campo da produção musical, os objetos artísticos produzidos pelos professores representam um estímulo para o hábito da leitura, da audição da boa música e da prática da escrita. Com relação ao trabalho com textos poéticos, além do ensino a respeito dos elementos estruturais de um poema, a experiência favoreceu a produção de textos poéticos por parte dos alunos.

Um aspecto importante também nas produções dos professores foi o uso da interdisciplinaridade entre a literatura e outras áreas do conhecimento, inclusive as ciências. O trabalho com a crônica também merece destaque devido às inspirações vindas do cotidiano e do contexto escolar, todo esse trabalho direcionado à sala de aula a fim de motivar os alunos a produzirem narrativas e desenvolver o hábito da leitura.

A importância de projetos como esse é significativa para o professor, pois este interioriza seu processo formativo por meio das experiências e reflexões da comunidade a que pertence, e, ao mesmo tempo, compartilha com outros profissionais e com seus alunos o seu percurso de experiências pedagógicas e de descobertas pessoais. Acredita-se que o professor que pratica a escrita literária, do mesmo modo, amplia seu repertório didático e consolida novas aprendizagens, alargando conhecimentos tanto em relação à sua produção quanto no que tange ao seu trabalho docente. Assim, apoiar o hábito de escrever artisticamente é uma parte integrante de uma

política de formação contínua, proporcionando a qualificação do processo ensino e aprendizagem e o reconhecimento da qualidade da produção científica e artística dos educadores.

Cintya Kelly Barroso Oliveira
Doutoranda em Educação Brasileira - UFC
Mestre em Letras - UFC
Professora da Rede de Ensino do Ceará

Capítulo 1

A importância da atividade literária para a prática docente: espaços e possibilidades de discussão

Felipe Fontenele Oliveira¹
Hylo Leal Pereira²

Considerando o campo escolar, o trabalho com a Literatura, diferente do que possa parecer, não é restrito às disciplinas de linguagem. Ele é aberto as outras searas do conhecimento, como muito bem mostrou a primeira edição do Café Literário, promovido pela Secretária da Educação do Ceará. Neste encontro, professores da rede estadual de ensino expuseram seus trabalhos de escrita literária, bem como discutiram com a plateia (professores, alunos e servidores) seu fazer docente, fruto de projetos e ações que envolveram a Literatura e sua área de formação.

Reconhecendo, portanto, a necessidade de espaços de difusão e trocas de saber, abordamos, nesta breve comunicação, a importância da atividade literária para a prática docente, reservando, deste modo, três pontos de discussão: (I) a importância da Literatura para a formação do indivíduo, (II) o ensino de Literatura e as diversas áreas do conhecimento escolar, (III) espaços para difusão e produção literária: O Café Literário.

A importância da Literatura para a formação do indivíduo

A metáfora do livro enquanto elemento fundante de uma nação na célebre frase de Monteiro Lobato “Um país se faz com homens e livros” revela a ação formativa, construtiva da leitura. A leitura, nesse sentido, nutre os sujeitos de saber, saber que revigora a alma e dá sentido à existência. Pensando, pois, a Literatura como uma peça fundamental, como dissera Antônio Cândido (1988) ao elevá-la à categoria de um direito do ser humano, reconhecemos, que esta “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos

1. Professor da Rede Estadual de Ensino. Mestrando em Linguística aplicada - UECE
2. Professor da Rede Estadual de Ensino. Assessor Técnico - CODEA/Gestão Pedagógica.
Mestrando em Linguística aplicada - UECE

torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (p.180).

A abertura e a compreensão ao próximo são condicionadas pela abertura e compreensão de si primeiramente. Por meio da Literatura, temos a capacidade de sonhar e de viver como se fôssemos personagens das histórias que revelam a nós a existência. Essa capacidade, como sugere o autor, deve-se à função psicológica exercida pela arte literária. Graças a ela, podemos superar frustrações, romper as barreiras do medo e realizar catarse. O livro, deste modo, ocuparia a função de divã, pois possibilita a libertação e a restauração dos sujeitos.

Cândido, ainda na obra mencionada, relaciona Literatura e direitos humanos, dando destaque a determinados autores, brasileiros e estrangeiros, quanto à preocupação em denunciar situações sociais adversas. No Brasil, ele aponta Castro Alves como o libelo da causa abolicionista, motivado pela urgência de livrar o país da mácula da escravidão.

Do ponto de vista internacional, traz à superfície alguns escritores que usaram sua voz como instrumento de contestação, tais quais, Victor Hugo em “Os miseráveis” ou Charles Dickens em seu “Oliver Twist”. Quanto a essas duas últimas obras, o autor percebe a Literatura como porta-voz de uma crítica social acerca da miséria e desigualdade, contextos que parecem condicionar os comportamentos humanos, seja no campo da espoliação ou da exploração de um grupo social por outro. Sobre este papel, vale a pena observar que a Literatura

corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CÂNDIDO, A. p.186).

Zilberman (2009) considera também o papel crítico da Literatura, assim como trabalha acerca da formação e constituição do homem. Acerca disso, ela propõe que

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

Esse contato, portanto, com a Literatura provoca uma relação

intersubjetiva entre autor e leitor, um encontro genuíno com a alteridade sem perder de vista as dimensões individuais. Ao abrir as fronteiras do conhecido, o leitor pode adentrar universos outros e constituir-se subjetivamente.

Seja pela via da função psicológica ou da denúncia social, podemos, a partir da Literatura, ampliar nossos horizontes e nos tornarmos outros. Condição necessária para tal, entretanto, é que nos abramos para a experiência e deixemo-nos tocar pela realidade literária. Essa experiência deve ocorrer à luz do que dissera Larrosa (2002), quando propusera que o ser humano não deve restringir-se à sociedade da informação, sociedade calcada no imediatismo e marcada pela celeridade das coisas. Precisáramos, nesse sentido, viver de modo atemporal, como o é a Literatura, sem deixarmos-nos afetar negativamente pela velocidade, pela sensação de escassez do tempo.

O ensino de Literatura e as demais áreas do conhecimento escolar

Atualmente não mais compete ao ensino da literatura a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. Por sua vez, a execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e deco-dificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa então à leitura, do que advém a validade dessa. (ZILBERMAN, 2009, p. 16-17).

Pelo esclarecedor excerto, compreendemos que a formação do leitor de textos literários ultrapassa o mero processo de decodificação e adentra a experiência propriamente dita do universo que se descortina para ele. Ao delimitar o texto literário, justificamos que esta escolha se deve às outras formas de leitura existentes, tais quais a leitura estritamente técnica, instrucional ou informativa. A leitura a que nos referimos tem a ver com a fruição, com o prazer estético, aproximando-se, muitas vezes, conforme a veia do escritor, de outras áreas do saber. Quando isso ocorre, é natural um avanço na bagagem enciclopédica do leitor ou do educando, caso esteja em fase de escolarização.

A respeito desse contato da Literatura e outras áreas do saber, Barthes (2002), ao propor rotas que viessem combater as relações de poder que se dão na linguagem, atribui a necessidade de enfrentá-las na própria linguagem, sendo a Literatura o melhor instrumento para este exercício. Nessa proposição, o crítico avança e diz que, se se acabassem todas as disciplinas, bastaria a permanência da Literatura para que toda forma de conhecimento fosse mantida. Sobre esta questão, ele justifica sua tese baseando-se no diálogo contínuo entre o texto literário e os demais textos, o que para nós é totalmente plausível, pois, numa obra literária, esbarramos com as diversas ciências, seja História, Economia, Física, entre outras.

Pensando nessa questão dialógica, podemos inferir, inclusive, que a responsabilidade pela formação do leitor, aludida por Zilberman, pode ser compartilhada entre todos os professores. A formação do leitor, nesse sentido, não ocorreria, de forma isolada, na área de linguagens. O tratamento das semioses e das diversas maneiras de expressão deve ser estimulado em todas as áreas do saber, uma vez que não existimos fora da linguagem. Seja na Física, Biologia ou História, há um script próprio para o uso da linguagem. No entanto, para além das questões pragmáticas dessas áreas, seria bastante proveitoso se houvesse um espaço contínuo na escola para a discussão da Literatura também nesses outros campos do saber, que inevitavelmente atravessam e são atravessados pela linguagem.

Não pretendemos aqui descobrir a origem da pólvora, uma vez que na seção seguinte traremos alguns exemplos de trabalhos interdisciplinares que envolveram a Literatura, contudo afirmamos a necessidade de haver maior estímulo, nas escolas, de projetos dessa ordem. O cuidado relativo a tais projetos deve ser redobrado, no momento de sua execução, uma vez que o professor, muitas vezes, é o principal contato do aluno nas práticas letradas.

Quanto ao papel do professor, no trato do texto literário, independente da área do conhecimento à qual pertença, concordamos com Moreno (2003). A autora, baseando-se nos pensamentos de Larrosa³, salienta que o docente, durante o ato da leitura, deve convidar o aluno a compartilhar vivências que se dão na experiência com o texto literário. Nessa tarefa, não se deve perder de vista a

3. As ideias de Larrosa assumidas pela autora são as que se direcionam a uma experiência autêntica do texto literário, condição que requer do leitor abertura para encontrar-se com o imprevisível e com o novo deste universo.

capacidade de abertura, indagação e inquietude. Com tais atitudes, as chances para que haja uma leitura e uma formação autêntica de leitores aumentam consideravelmente.

Espaços para difusão e produção literária: O Café Literário como exemplo

De modo a incentivar a difusão e a produção de projetos interdisciplinares que envolvam a Literatura e a escrita literária de docentes da rede estadual, a primeira mostra do Café Literário, realizada nos dias 11, 18 e 25 de outubro de 2016, possibilitou um encontro bastante proveitoso composto por professores, alunos e servidores. Nesta primeira edição, podemos perceber que a arte literária pode ser experienciada em todos os âmbitos da escola, sendo cultivada pelos professores em versos livres, ou em prosa, ilustrando questões práticas do cotidiano ou mesmo sendo mote para quebra de preconceito.

A fim de exemplificar que a Literatura pode ser vivida, faremos uma síntese dos resultados do Café Literário do dia 18 de outubro. Neste dia, houve a apresentação de seis professores de diversas áreas, Língua Portuguesa, Física, História e Educação Física. Todos interagiram com a plateia, apresentando parte de seus projetos educativos e ou de escrita literária.

Em relação aos trabalhos propriamente educativos, destacamos o diálogo das referidas áreas do saber e a Literatura. Nas apresentações, verificamos assuntos muito relevantes, tendo como destaque: a ruptura do racismo em sala de aula, a questão histórica do Cariri relacionada à poesia, a relação entre o ensino de Física e a criação literária, a paixão pela escrita associada ao ensino de crônicas.

Os professores que se destacaram no plano da produção literária propriamente dita falaram do seu processo criativo, bem como deixaram claro o reflexo desta ação no ensino. Entre estas produções autorais, deve-se registrar que há professores do Ceará publicando obras em âmbito nacional e realizando parcerias com revistas estrangeiras. Contudo, o que mais surpreendeu, na exposição dos mestres, foi o amor pelo ensino, a paixão pela escrita e a inter-relação

entre esses dois âmbitos da criação humana. Todos, sem sombra de dúvida, adentraram o mar da sensibilidade e mostraram ao público um pouco do seu ser.

Em pesquisa recente, Gramacho (2013) evidencia a inextricável relação entre as idiosincrasias do educador e os desdobramentos resultantes em seu fazer pedagógico.

(...) não se pode ignorar que a prática pedagógica do professor se constrói a partir de sua história de vida, dos valores morais, éticos que alicerçam a vida familiar que o constituiu como cidadão (...) Ignorar o que dizem os professores é desconsiderar seu papel de agente de conhecimento, é tratá-lo como apenas seguidor de ações construídas por aqueles que o julgam incapazes do papel de construtor de suas ações, de sua pedagogia. (GRAMACHO, 2013, p. 55).

A tese da autora endossa a existência dessa forte relação entre profissional e profissão percebida ao analisarmos os perfis de professores presentes no Café Literário, evidenciando o quanto é positiva a existência desse engajamento entre o profissional e o produto do seu trabalho, neste caso o ensino.

Voltando aos Cafés Literários, julgamos necessário que haja espaços de difusão e produção da Literatura no espaço escolar. Tal atividade pode mostrar ao aluno a importância de envolver-se com o universo literário e de promover avanço em sua constituição subjetiva, já que os livros ajudam a formar o ser humano. Quando o professor, como dissera Moreno (2002), mostra-se ao aluno na experiência, há, neste encontro, possibilidade de se fazer uma leitura mais fiel da realidade, a qual, por vezes, aflige o ser humano.

Desta feita, acreditamos no fortalecimento de atividades como a do Café Literário, o qual pode ser implantado nas escolas com a intenção de agregar mais adeptos aos livros e ao encanto com o mundo que eles abrem para nós.

Considerações Finais

Diante das reflexões acerca da importância dos Cafés Literário e Acadêmico, depreendemos o quanto se torna significativo o trabalho da sensibilização artístico-literário promovido pelas diferentes

manifestações da ‘Arte’, que agrega as mais variadas linguagens, desenvolvendo no aluno tanto a fruição quanto à análise estética. O Café Literário e Acadêmico foi promovido pela Gestão Pedagógica (Codea/SEDUC- Ce), durante o mês de outubro de 2016, concretizando-se como uma ação exemplar em relação a atividades de disseminação na área do saber, referente à pesquisa científico-acadêmica e literária. Movimento este que serviu de integração entre docentes, servidores e alunos, inerente à formação humana por meio da Arte. Essa ação foi construída por meio de uma percepção de alteridade, isto é, a de valorização dos diferentes olhares dos protagonistas quanto produções acadêmicas e literárias.

A fim de justificar a consolidação desses movimentos de teor reflexivo e prático no espaço escolar, tendo em vista o professor como protagonista, os eventos foram planejados e executados com o objetivo de oportunizar aos professores a apresentação e à socialização de trabalhos para uma comunidade educacional, interessada na contribuição de produtos acadêmicos e literários que possam intervir de forma positiva na realidade de sala de aula.

As apresentações dos trabalhos acadêmicos e literários se definiram como uma das vertentes pedagógicas, no que diz respeito ao segmento docente da rede estadual de ensino, favorecendo, portanto, a otimização da ação desse segmento, tendo em vista impactar nos resultados de valorização profissional, cujo objetivo é o de contribuir, da melhor forma possível, com o processo de ensino e de aprendizagem. Este sob a ótica de uma ação que se traduza em uma reflexão teórica e prática no âmbito escolar.

É de intuito, portanto, da Secretaria da Educação primar pela continuidade dessa ação, denominada “Café Acadêmico e Literário”, com vistas de fazer jus ao segmento docente, no mês de outubro, mais precisamente no dia 15 de outubro. Entretanto é de concepção dessa Instituição, que esse reconhecimento de valorização profissional se estenda por todo o referido mês.

Nesse sentido, buscamos fazer valer a autonomia cultural e intelectual de seus docentes, através de apresentações de trabalhos de sua autoria, privilegiando, assim, o desenvolvimento da intuição e da criatividade desses profissionais com seu jeito de pensar de forma coerente e articulada.

Mediante dessa linha de pensamento, aqui se interpreta o pensamento de Paulo Freire – Romper silêncios, a fim de que a distância entre o que se diz e o que se faz se reduza, não esquecendo, todavia, que o que é falado se transforme em prática ... e, assim, partilhar com outrem para fazer de outro modo.

Referências

BARTHES, R. Aula. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2002

CANDIDO, A. O direito à Literatura in Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1988. Disponível em <<https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>> Acesso em 28 dez. 2016.

GRAMACHO, R. L. A. Literatura e ensino: professores e poetas na construção de saberes. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de pós-graduação em educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, abr. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em 02 jan. 2017.

MORENO, S. S. La lectura como experiencia de formación. 2002. Disponível em <<http://erevistas.saber.ula.ve/index.php/legenda/article/viewFile/563/571>> Acesso em 30 dez. 2016.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. Via Atlântica, n. 14, dez. 2009. Disponível em : <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>> Acesso em 30 dez. 2016.

Capítulo 2

Memorial Literário - Professores autores

Café Literário (11/10/2016)

Antonio Helonis Borges Brandão

Já venho escrevendo cordéis desde o ano de 1997, com alguns títulos publicados tais como "A morte do índio Pataxó, queimado por moleques no Distrito Federal, "A trágica morte de Chico Science, a poucos metros do mangue", "Que mal o jumento fez, para ser tratado assim", "Crateús: a cidade mais piauiense e baiana do interior cearense", "Escola Amazonas: 44 anos educando com amor", "Sextilhas de um puxa-saco, vulgo xeledéu, chaleira", dentre outros. A minha produção cordelística decorre de uma pesquisa que venho desenvolvendo desde o ano de 1994, sobre a temática panfletária e engajada do cordel urbano na cidade de Fortaleza, que culminou em minha dissertação de mestrado " O cordel relato político: a institucionalização do "popular" no cordel urbano em Fortaleza (1979-1988), defendida no ano de 2000 na Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ). Já tive a oportunidade de apresentar o meu trabalho no âmbito das CREDE 13 e 15, bem como tive um artigo publicado na coletânea Professor Aprendiz de 2011 e no Simpósio Professor Aprendiz de 2013. No que se refere ao cordel como linguagem acessível à sala de aula, entendo ser necessário aos educadores saberem lidar e se utilizarem da mesma como uma ferramenta importante de produção e troca de conhecimentos na sala de aula, seja nas Ciências Humanas, seja nas Linguagens e Códigos, e mesmo nas Ciências da Natureza, pela temática variada, multidisciplinar e transversal.

Leonardo José de Aguiar Nóbrega

O Livro Crimes do Tarô surgiu de um fato ocorrido na Espanha, onde uma linda mulher invadia e roubava bancos e joalherias. A partir desse mote e de questionamentos como: "Por que uma moça de família abastada cometeria crimes?" , "Como o detetive responsável pelo caso agiu?" ou "Quais pistas foram deixadas por ela?" É uma obra de ficção policial que envolve crime, romance, mistério, códigos e um final surpreendente. Essa obra já foi apresentada em ocasiões como as Bienais do Livro de Pernambuco e da Bahia, no Bazar das Letras promovido pelo SESC-Ce, e em várias feiras literárias pelo Ceará, como a FLIVA (Varjota) e o III Encontro de Escritores do Ceará (Ibiapina). Também em eventos literários de algumas escolas da rede Estadual como a Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, o Liceu de Varjota Waldir Leopércio, o Patronato Sagrada Família, EEFM Dr. César Calls. Como professor da área de Ciências Humanas, tanto a pesquisa como o uso em sala de aula são de muita importância para o desenvolvimento de atividades junto aos alunos.

Luiz Henrique Cardoso dos Santos

Sempre quis escrever um romance em que a cidade de Fortaleza fosse o palco de uma grande aventura, repleta de mistério e com muitas referências históricas, artísticas e culturais sobre a cidade. Então, para realizar tal desejo, realizei uma grande pesquisa sobre o universo espiritualista da cidade, ou seja, instituições de caráter místico e filosófico, denominados por alguns como "sociedades secretas". Depois de tal pesquisa, escrevi o romance, repleto de mistério, reflexões filosóficas, referências históricas sobre Fortaleza, com intrigas e conspirações entre suas instituições religiosas e místicas. Trata-se de uma trama em que reina o suspense e a aventura, com crimes e investigações. Tive a oportunidade de falar sobre essa obra na escola na qual trabalho. A criação literária e, de forma geral, o exercício da criação é um elemento fundamental para a atividade docente. Um professor deve ser criativo, deve usar seus dons e suas virtudes para o seu desenvolvimento, assim como para o desenvolvimento dos alunos.

Luis Alberto Dos Santos Paiva

Luis Alberto dos Santos Paiva , Especialista em Semiótica pela UECE, professor efetivo do estado do Ceará, músico profissional e compositor, conhecido como Beto Paiva. Ganhou por três anos consecutivos o festival de música da UFC e é parceiro de nomes como Isaack Candido e Paulo Façanha, Beto, foi gravado por Jorge Vercilo no ano de 2000, quando chegou aos primeiros lugares de audiência nas rádios cariocas. Vem desenvolvendo um trabalho de composições ao lado de seu parceiro habitual, Paulo Façanha. Recentemente compôs, com este, a música Felicidade Rara, que deu nome a seu mais novo cd. Beto é professor de lingua portuguesa, especialista em semiótica pela UECE. Atualmente, trabalha na área de produção textual, é supervisor do PIBID de Música, projeto em desenvolve inúmeras práticas na EEMF do estado Do Paraná, e é professor de redação de todas as turmas desta escola. Além disso, beto toca na noite, desde os 16 anos. Foi aluno de violão do saudoso professor Zé Mário, estudou harmonia com Cláudio Costa e criou-se no meio de grandes músicos. Seu pai, Raimundo Paiva, era jornalista. Foi revisor chefe do jornal O Povo e da Imprensa Oficial do estado do Ceará. Raimundo Paiva era, também, trovador, e levava Beto aos saraus de poesia na Casa Juvenal Galeno e no Palácio da luz, onde ele aprende a contagem dos versos e a arte de rima. Uma vez que, Beto Paiva é um compositor pragmático, vive do ofício de compor, seria inevitável que ele envolvesse este seu lado artístico com as suas atividades didáticas com a lingua portuguesa. Para tanto, Beto se firma na teoria de Luiz Tatit, "A Semiótica da Canção", onde o autor usa a melodia e a letra para alcançar o significado e ampliar o campo de compreensão do receptor. Portanto, Beto Paiva, leva constantemente seu violão consigo à sala de aula para desnvolver a percepção, trabalhar a sensibilidade e aumentar o capital cultural do seu aluno. Aqui, neste caso, escolhemos a Música Quando a Noite Chegar, que foi a sua composição de maior sucesso, para que os alunos, além de interpretá-la, percebam que é possível viver do que se escreve, uma vez que este texto, desde sua criação até hoje, rende direitos autorais. Portanto, a música Quando a noite chegar, possui muito mais que uma letra cheia de figuras de linguagens, de construções sintáticas instigantes e de rimas e métricas inusitadas. Ela, possui a faculdade de estimular os estudantes ao hábito da leitura, da audição da boa música e da prática da escrita. Percebe-se que grande

parte dos alunos checam ,na internet , por meio de sites do próprio Jorge Vercilo , discografia e vídeos no" you tube" , se tudo que foi dito em aula condiz com a verdade e ficam ,de fato, estimulados com os hábitos da leitura e da escrita.

Carla Pereira

A motivação para escrita surgiu ainda na adolescência em razão do gosto pela literatura. O primeiro livro intitulado "A Vida em Versos", foi publicado em 2010 na X Bienal Internacional do Livro do Ceará. A partir de então foram diversas participações em antologias locais e nacionais. Aliada a poesia também desenvolvi o interesse pela pesquisa sobre a Literatura Cearense e em breve será lançado um artigo de minha autoria intitulado "A Vida e os Versos de Ana Nogueira Baptista. A única mulher a participar do jornal "O Pão" impresso pelos padeiros da Padaria Espiritual. A minha paixão pela literatura é transferida aos meus alunos nas aulas de Língua Portuguesa. Quando eu os apresento os nossos escritores tão relegados aos livros de literatura. Como por exemplo: Juvenal Galeno e Francisca Clotilde.

Vanessa Paulino Venancio

Graduei-me em 2014 no curso de Letras-Português pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em que participo do grupo de pesquisa Espaços de Leituras: Cânones e Bibliotecas, sob orientação da profa. Dra. Odalice de Castro e Silva. Mestranda em Letras, com estudos em Literatura Comparada pela mesma instituição, desde 2016. Sou também professora efetiva de Língua Portuguesa do Governo do Estado do Ceará. E, ainda, estou ligada à arte por meio da dança e da escrita literária. Fui premiada em dois concursos literários de contos em 2013, Concurso Literário Olhar da Gente e Prêmio de Literatura UNIFOR, respectivamente, e o VIII Concurso Literário de Presidente Prudente (CLIPP), que homenageou Ruth Campos, em 2014. O conto enviado diz respeito à última publicação, a qual foi fruto de cursos e oficinas de escrita criativa, além de minha experiência com o ensino de Língua Portuguesa e Artes. Certamente, a experiência prática com o processo de criação literária é enriquecedora para o ensino de Literatura.

18/10/2016

Francisco José Santos da Silva

Os motivos pelos quais esta produção foi consolidada se reporta aos insultos e preconceitos que os alunos (as) negros e negras enfrentam no ambiente escolar, além disso, buscou-se valorizar a identidade negra (corpo, vestimenta, cabelo, adereços corporais, culinária) e criar espaço de diálogo e convivência coletiva, pois acreditamos e defendemos que combater ações de discriminação e preconceito são o primeiro passo para se alcançar uma sociedade racialmente justa. Em pleno século XXI atitudes desumanas e racistas como essas são vista no cotidiano da escola e as políticas afirmativas de valorização da pessoa humana ainda são tímidas e por vezes silenciadas. Problemática deste poste precisa ser pontuada com frequência no currículo escolar, visto que na maioria das vezes é estudada apenas na semana que se comemora a Consciência Negra neste país. Esta produção foi apresentada no I Festival de Arte da Escola E.E.M Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, proposta vinculada a Feira de Ciência, na Mostra de Dança/Teatro realizado pela Associação de Dança Arreios de Trairi – ATAD e na E.E.M Maria Celeste de Azevedo na Programação do SuperAção: Como proposta de ensino os “Temas Transversais” sempre será uma alternativa para fortificar o conteúdo estabelecido pelo currículo da escola. Foi junto a essa proposta pedagógica que se desenvolveu a ação, aproximando as novas pesquisas e as práticas de estudos da Educação Física Escolar, uma vez que seus novos métodos e conteúdos são pertinentes à valorização da pessoa enquanto corpo, mente e ser humano. Neste sentindo encontramos relevância na Interdisciplinaridade, pois as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana contemplarem esse esforço, ações específicas sobre a afirmação de cada identidade devem ser empreendidas nas escolas, foram esses achados que consolidou-se o trabalho.

Antonio Joceli de Araújo

Sempre gostei muito de escrever e desde à adolescência passei a

produzir textos teatrais e poemas para apresentar em eventos na escola. Também já escrevi outros gêneros literários, como uma sinopse de uma novela e romances (inacabados), por ter tido problema com os arquivos. Em sala de aula, já realizei um projeto denominado de Ciranda Literária em que meus alunos produziram textos de diversos gêneros, como: poema, fábula, atualização de conto de fadas, contos, dentre outros. Com esse trabalho participei do Prêmio Professor Nota 10 da Fundação Victor Civita, cujo trabalho foi pré- selecionado e recebi a menção honrosa de professor Nota 10. Quando passei para trabalhar com o ensino médio despertei o interesse por crônica, a partir da leitura de autores como: Luís Fernando Veríssimo e Fernando Sabino, ampliando o desejo com a Olimpíada de Língua Portuguesa. A partir de então, passei a produzir crônicas a partir de inspirações vindas do cotidiano e do contexto escolar e algumas apresentadas em situações especiais, como aniversários. Curto muito escrever... Para mim, quando vi a notícia do Café Literário fiquei entusiasmado a participar e produzir um texto inédito. Acredito que como professor de Língua Portuguesa tenho o papel de incentivar meus alunos a escreverem e para isto é importante que eles saibam que também sou um escritor.

José André de Andrade

Motivação: A ideia de utilizar a arte e a história, numa proposta interdisciplinar, possibilitando a declamação, onde as poesias podem contribuir com a metodologia do ensino de história, então essas poesias foram criadas para dar suporte didático ao conteúdo de história do Cariri, assim além da discussão e debate do conteúdo, existe a possibilidade de trabalhar a arte. O trabalho foi apresentado inicialmente em uma aula de campo, onde parte do poemas foi incluído em um espetáculo teatral A Irmandade Secreta do Boi Santo que apresentei no Centro Cultural Banco do Nordeste Cariri, as turmas foram assistir a apresentação, depois em sala de aula, foi ampliado o debate sobre a história e a arte, quanto a apreciação da arte e sua interdisciplinaridade com a história. Minha produção poética sempre está voltada para a prática pedagógica, onde a ideia é sensibilizar os educando, contextualizando a história e a poesia, é utilizado como recurso pedagógico e tem um caráter de provocar a reflexão, tudo isso

inserido em uma base da educação problematizadora da realidade, com a abordagem freiriana de promover uma educação libertadora, a arte pode provocar o sujeito a pensar sobre sua realidade e com isso ampliar sua visão de mundo.

Durval Araújo de Mendonça

Possuir uma formação na área de ciências da natureza, não foi motivo para me afastar das artes e das letras, como muitos pensam. O que me motivou à ciência também me motivou a escrever. Foi uma natureza carregada de mistérios. O mistério, incita a curiosidade (qualidade indispensável para a pesquisa científica) e fundamenta a literatura Romântica, como disse o poeta Novalis: “Dando ao vulgar um aspecto misterioso, ao conhecimento a dignidade do desconhecido, ao finito uma aura de infinidade, eu romantizo-o”. Meu primeiro e único trabalho publicado até agora, chama-se “Grinalda”, trata-se de uma seleção de meus melhores poemas. Em forma de livreto, a título de divulgação, a publicação se deu pelo projeto “Performance Poética” realizado pelo SESC no ano de 2014. Esta foi a primeira vez em que meu trabalho chegou ao conhecimento de muitas pessoas. No mesmo ano, no mês de novembro, conquistei o primeiro lugar no segundo concurso literário da UECE realizado pela Pró-Reitoria de Políticas Estudantil (PRAE). O título da poesia então premiada era “Epístola e Epílogo”. Em forma de soneto, suas duas primeiras estrofes compõem uma carta de agradecimento pelo amor correspondido, e as estrofes finais, descrevem o fim desse amor. O trabalho lançado como Performance Poética, foi apresentado também no início do presente ano aos alunos do curso de Letras da unidade interior da UECE em Iguatu, durante o curso da disciplina de literatura cearense ministrada pela professora Socorro Pinheiro. Como professor de física e apaixonado por literatura, tenho pensado em maneiras de envolver literatura nas aulas de física, e algumas dessas ideias transformaram-se em um projeto já apresentado em evento acadêmico de minha Universidade. No referido projeto, contei com uma importante tese educacional do educador Ezequiel Theodoro da Silva ao tratar do tema ciência, leitura e escola: “todo professor, independente da disciplina que ensina, é professor de leitura.” A metodologia é feita ilustrando e

contextualizando os conteúdos das aulas de física com poemas sobre a natureza e narrativas da ficção científica. O que se investiga, afinal, é uma solução inteligente para dois problemas sérios encontrados na educação: a desmotivação pela ciência e a falta de leitura.

Sibéria de Menezes Carvalho

Escrever é uma forma de compreender, enfrentar, absorver e contemplar a vida, esta é minha motivação primeira para o exercício da escrita. Este conto foi selecionado no concurso de Contos SESC - Ceará (2012), e como premiação, foi publicado na IV Coletânea de Contos SESC-CE. Publicação que foi distribuída nas escolas da rede pública estadual do Ceará. Fui convidada e participei de roda de conversa sobre o conto Irretocável, o qual havia sido lido por alunos de escola estadual da cidade onde resido (Crato-CE), projeto feito em parceria com o SESC-Crato. Na interação com os alunos, pude contribuir duplamente: como escritora e como professora, o que considero ter sido bastante proveitoso para mim, para os leitores e profissionais das Letras e da Educação e Arte envolvidos no projeto.

Anderson Luiz do Vale Fonseca

Sou professor da rede pública de ensino, mas também sou escritor. Há dez anos, escrevo e publico minhas obras, as quais já chegaram a ser interpretadas na tevê brasileira. O que me motiva a escrever é a necessidade de expressar minhas ideias, transformá-las em histórias. E escrevo desde os 16 anos, mas, hoje, tornou-se para mim uma profissão. Publiquei uma revista em Portugal/ Brasil como editor-assistente, a Revista Confraria, em 2010, além dela fui co-editor da revista Aliás, e , depois, em 2011, um livro, de contos fantásticos, chamado Notas de Pensamentos Incomuns (este livro está em 20 bibliotecas de universidades norte-americanas). Em 2012, organizei pela editora Oito e Meio uma antologia de contos chamada Veredas – Panorama do conto contemporâneo brasileiro. Depois, em 2014, lancei o livro "O que eu disse ao general", na lista dos melhores livros desse ano pela revista Literatsi e também interpretado pelo diretor Antônio Abujamra, no programa Provocações, no dia 31 de março de 2015. No ano de 2016, lancei o livro Sr. Bergier & outras histórias, de

contos, elogiado pela crítica, e também, participo de uma antologia de contos em homenagem aos 25 anos do álbum Nevermind, da banda Nirvana. A coletânea Cobain foi destaque na Revista Cariri, Jornal O Povo, Site Miséria, Uol, Estadão, Gazeta de Niterói, Jornal Opção, e ficou em primeiro lugar no site Amazon na seção de antologias mais baixadas em língua portuguesa, no Brasil e EUA. Além disso, fui convidado pela Secretaria de Cultura do Estado para participar do Café Literário na Bial de Fortaleza em 2014, para falar do livro "O que eu disse ao general". Colaboro com o Jornal Opção e a revista Diversos Afins com artigos e ensaios. Todo esse trabalho direciono na sala de aula para motivar os alunos a produzirem narrativas, dissertações, e a lerem. Sempre levo um livro para sala de aula, o livro de um autor brasileiro contemporâneo ou de um autor estrangeiro e converso sobre a obra e discuto a sua estilística com os alunos. Quanto mais produzo, mais me sinto exemplo de dedicação ao que acredito e motivador para a leitura e escrita na escola.

25/10/2016

Laerte Gonzaga Ferreira

Desde muito cedo, influenciado pelo meu pai, sempre gostei de ler. Por volta de 2004, comecei a escrever pequenos poemas e em determinado momento passei a guardá-los. À medida que a coleção de textos se estendeu, me veio o sonho de publicar um livro. Eu queria ver minhas poesias publicadas. Em 2012, entrei em contato com a editora All Print, São Paulo, para tratar os processos de publicação e em maio fizemos o lançamento do título Crônicas em Versos - História Líricas de Ilusão Subsidiadas pelo Amor com Desculpa. Esse foi um pontapé para que eu tivesse mais motivos para continuar escrevendo, e novas publicações já estão sendo preparadas. A relação entre esse projeto e minha prática docente está extremamente vinculada, pois como professor de português, ao inserir a literatura, meus poemas podem ser uma ponte entre a teoria e a prática. Também vejo muitos alunos escrevendo e com o mesmo sonho que um dia eu tive e sei que eles se motivam com o exemplo que dou a eles. Ser professor é estar

constantemente aprendendo e esse aprendizado é repassado aos nossos alunos. "A palavra convence, mas o exemplo arrasta".

Paulo Sampaio Teixeira

Esse breve poema compõe um conjunto de diversas composições de dez versos cada. Nesse, o amor e a paixão são tratados como experiências marcadas pela dor, pela separação, pela impossibilidade de se deixar pertencer ou de amar uma pessoa de cada vez. Há uma presença sutil da linguagem religiosa, bíblica, e há uma referência às cantigas de roda, metaforizando a dinâmica das relações amorosas em suas interdições, sofrimentos e ausências. Esse poema foi apresentado, em sala de aula, para algumas turmas do Ensino Médio, em uma aula em que foram apresentados alguns fundamentos de análise e recepção da obra poética, mostrando aos alunos o processo de criação e os elementos estruturais de um poema, a fim de preparar uma atividade de produção de textos poéticos destinados a organização de um recital.

Antonio Brenan da Silva Lima

Para alguns, ela não passa de uma matéria escolar insignificante e chata (quase um horário vago) fruto, por isso, de muitas baixas: sejam notas, sejam neurônios. Quem nunca suspirou pesaroso quando pegou uma avaliação de enormes textos e exclamou a clássica: “Pra quê eu preciso disso em minha vida?” ou bocejou milhares de vezes enquanto o professor com a cara mais “simpática do mundo” e olhar vidrado exclamava sobre a vida de Camões ou sobre as maravilhosas cantigas trovadorescas? A maioria dos estudantes não lembra porque, provavelmente, não estava prestando atenção. E eles não são os únicos. A diferença é que algumas pessoas parecem entender absolutamente tudo que o professor está comentando e tiram notas brilhantes, sabem os nomes de todas as obras e autores de cada escola literária e riam daquilo que não parece fazer nenhum sentido. Incrivelmente, elas não ficam fadigadas em estudar matérias de longos textos por horas – até mesmo gostam! – e parecem sempre terminarem as provas primeiro. Podem não ser os melhores da sala, mas estão quase lá. Estas pessoas estão apaixonadas. Não por esses

amores que nos fazem sofrer, suspirar e escrever sobre os seus belos olhos ou sorrisos, mas pelo prazer de terem palavras correndo pelos seus olhos. Elas são o que eu costumo chamar de “Corações cheios de palavras” e decididamente são algumas das pessoas mais interessantes do mundo. Afinal, elas parecem ter uma opinião formada sobre quase todos os temas do universo. Isso tudo é despertado pelo simples ato de ler, de sentir-se apaixonado pelas descobertas de cada nova história, de cada nova emoção. E é com o intuito de despertar essa “paixão” que realizamos durante o ano letivo de 2016 o 1º Café com Literatura das turmas de 1º ano do Liceu de Senador Pompeu Marcionílio Gomes de Freitas. Momentos marcados pelo prazer de desfrutar da viagem que um bom livro pode nos proporcionar. Nestes momentos, nossos estudantes puderam recitar poesias, cantar, musicalizar a literatura, além de “adotar” livros que, durante todo o ano, foram seus companheiros fiéis. Assim, atrelamos o prazer da confraternização, os sabores do café da manhã e o gosto pela literatura em todos que estavam dispostos à entregar-se à magia da literatura.

Maria Reginalda da Silva

Escrever sempre foi uma atividade bastante prazerosa para mim, principalmente em versos. Sou apaixonada por cordel. Ao saber disso, as amigas professoras convidaram-me para idealizar a parte artística do projeto de leitura que tratava sobre os livros do PAIC: prosa e poesia. Fiquei encantada com a ideia. Ao ficar pronto o texto e toda a dramatização, a esquete fora apresentada em várias escolas da minha cidade, na CREDE (Senador Pompeu) e na Bienal Internacional do Livro, em Fortaleza, no ano de 2014. Foram momentos gloriosos, que jamais sairão da minha memória. Exaltamos um belo programa de leitura (PAIC) através do teatro, do cordel e da música ao mesmo tempo.

Francisco Anizeuton de Souza Leite

Há duas paixões que regem minha vida: ensinar e escrever. Tenho necessidade de colocar no papel as ideias, os sentimentos, as histórias do povo sofrido, o amor correspondido ou não. Gosto de brincar com as palavras e me encantar com elas. Nas minhas aulas,

procuro mostrar minha paixão pelos livros e o encantamento pela leitura e pela escrita. Não sou escritor. Gosto de falar que sou professor que escreve, pois compreendo que posso ajudar na aprendizagem dos alunos com os meus escritos. Mostrar a eles que escrever é tarefa árdua, mas gratificante. Que a leitura faz transportar para lugares inimagináveis e nos dá uma outra visão de mundo. Recentemente fui convidado para participar do programa papo literário da TVC (TV CEARÁ) para falar do projeto de leitura que desenvolvo na escola que trabalho e aproveitei para divulgar o meu romance: Um amor escrito nas pedras. Espero que haja outras oportunidades para compartilhar as minhas experiências como educador e aprender com outros educadores.

Wellington Gomes de Souza

Professor da rede estadual desde 2009, comecei a escrever por inspiração de poetas locais como Patativa do Assaré. Já trabalhei em sala de aula projetos de retextualização com o cordel com o intuito de preservar a literatura e a cultura popular. O cordel, que ora inscrevo aqui, surgiu da observação de uma situação inusitada, noticiada na TV. Virou assunto no cordel porque essa literatura, além de outras coisas, tem o poder de captar os fatos corriqueiros, exóticos do nosso cotidiano e transformá-los em versos. O folheto foi trabalhado na escola, com as minhas turmas, sendo que o relacionei com uma série de fatores que se vincule com a postura da sociedade e dos vários segmentos sociais em determinadas situações, saindo do olhar específico da Língua Portuguesa e caminhando por outras disciplinas.

Capítulo 3

Caminhos Pedagógicos - práticas em sala de aula

Durval Araújo de Mendonça

Em seu ensaio filosófico “Como vejo o mundo”, o físico Albert Einstein expressa como Arte e Ciência podem estar intimamente relacionadas: “O mistério da vida me causa a mais forte emoção. É o sentimento que suscita a beleza e a verdade, criar a arte e a ciência.” (apud ROHDEN, 2004, p. 161). O universo, finito ou infinito, porém sempre misterioso, é objeto comum de admiração aos cientistas e aos poetas, fornecendo-lhes matéria inesgotável para suas criações, que profundamente se complementam. Dá prova disso, os inúmeros exemplos de cientistas com veia literária. James Clerk Maxwell, reestruturador do eletromagnetismo, era também autor de poemas; o astrônomo Johannes Kepler escreveu um romance que narra uma viagem à Lua, com um título que demonstra inclinação ao poético: “Sonho”. De outro modo, houve literatos apaixonados por ciência. Júlio Verne, o imaginativo autor de aventuras científicas também concebeu sua viagem “Da Terra à Lua.” Literatura e ciência habitam o mesmo ambiente cultural. Destarte, muitos são muitos os caminhos pedagógicos que se pode apontar nesse sentido.

Levar a literatura para aulas de ciência, em particular, aulas de física, é uma estratégia de ensino que visa dinamizar as aulas dessa disciplina e motivar nos alunos o interesse pela leitura. Isso conta com uma tese educacional do educador Ezequiel Theodoro da Silva (1998, p. 123/127) ao tratar do tema ciência, leitura e escola: “todo professor, independente da disciplina que ensina, é professor de leitura.” (apud ZANETIC, 2006, p.47).

De muitas formas podemos executar uma aula de física com literatura. Cada professor pode usar sua criatividade nesse sentido.

Uma delas, pode ser o uso de obras literárias para ilustrar ou para contextualizar conteúdos estudados em física. Se vamos ilustrar, apenas utilizamos um trecho de obra literária para reflexão do conteúdo, se vamos contextualizar, utilizamos para aplicação. Assim, por exemplo, se o conteúdo for energia na visão da física moderna, podemos ilustrar a aula com o poema “ A Bomba Atômica” de Vinicius de Moraes, uma vez que o autor epigrafa seu poema com a famosa equação de Einstein: “ $E = m.c^2$ ”.

A BOMBA ATÔMICA

“ $e = m.c^2$ ”

Einstein

Dos céus descendo

Meu Deus eu vejo

De paraquedas? (...)

Dizem-me todos

É A BOMBA ATÔMICA.

Vem-me uma angústia. (...)

A bomba atômica é triste

Coisa mais triste não há(...)

(MORAES, 2011, p. 223/225).

Agora, se vamos contextualizar a aula, Júlio Verne é uma ótima indicação. Em sua obra “Viagem ao redor da Lua”, no capítulo “Um Pouco de Álgebra” contendo o diálogo a seguir (apresentado de forma resumida), os personagens Miguel Ardan, presidente Barbicane e capitão Nicoles já se encontram dentro do projétil, lançado por um canhão, a caminho da Lua:

Miguel Ardan -...Não entendo, como foi que os sábios do observatório poderiam calcular a velocidade inicial que o projétil deveria ter... Para poder chegar à lua.

Barbican - Queres dizer... ao ponto neutro, situado a cerca de nove décimos de caminho... De onde o projétil cairia para a lua, em virtude só da gravidade.(...)

Nicoles - ... Feitos todos os cálculos, a velocidade do projétil ao sair da atmosfera, para poder alcançar o ponto de igual atração devia ser de...

Barbican - Quanto?

Nicoles - Onze mil e cinquenta e um metros, no primeiro segundo.

Barbican - ...a velocidade não será suficiente.

Nicoles - Bem.

Barbican - Não chegaremos ao ponto neutro! ... Nem a meio caminho!

Nicoles - Salve-nos Deus!

Miguel Ardan - Bala do inferno! Voltaremos a cair na terra!

(VERNE, 2005, p. 36/44).

Os três tripulantes discutem a respeito de a velocidade inicial do projétil ter sido suficiente ou não para alcançar o ponto neutro, e eles temem cair de volta à Terra, pois chegando ao ponto neutro, ainda que a custo, conseguiriam chegar até a lua só pela ação atrativa dela. Com esse diálogo, é oportuno discutirmos o que é ponto neutro, o princípio da superposição para forças gravitacionais, e verificar (quando já realizado o estudo da lei da gravitação universal) que tal ponto se encontra de fato a nove décimos de caminho da Terra à Lua. Podemos mesmo usar as informações necessárias para o cálculo de verificação dentro do capítulo em que se dá o diálogo acima: raio da Terra,

distância da Terra à Lua e razão da massa da Lua para a Massa da Terra. A única ferramenta matemática necessária para confirmar os nove décimos é uma equação de segundo grau. É um exercício do que foi estudado, vivenciando a aventura narrada por Julio Verne.

A literatura muito tem a contribuir para tornar a física mais atraente, e o que se intenta ao tomarmos esse caminho pedagógico, é conseguir resolver, em certa medida, dois problemas sérios encontrados na educação: as dificuldades com a ciência e a falta de leitura.

Referências Bibliográfica

MORAES, Vinicius de. Antologia poética. São Paulo: Companhia de bolso, 2011.

ROHDEN, H. Einstein: O enigma do universo. 8. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

VERNE, J. Viagem ao redor da lua. Tradução de Vieira Neto. Hemus, 2005.

ZANETIC, J. Física e Arte: uma ponte entre duas culturas. Pro-Posições, v. 17, n. I (49) – jan./abr. 2006

Vanessa Paulino

Levar os alunos a terem experiências com a leitura, só pode ocorrer a partir da vivência do professor. "É certo que a leitura precede à escrita". Mais certo ainda, que toda escrita exige uma preparação. Durante muito tempo, os ideais românticos sobre o escritor-gênio permaneceram na mente das pessoas. Quem nunca imaginou a ilustre cena de um poeta à espera da inspiração, ou melhor, de sua musa inspiradora? Mas, se a maioria dos ofícios exige um tempo de preparação, mesmo os artísticos, seja para compor uma canção, seja para criar uma coreografia de dança, por que, então, o escritor precisa ainda ser visto como inerte no processo de criação literária a espera a tão famosa inspiração?

Ciente disso, é necessário trilhar caminhos pedagógicos para o escritor, o escritor-professor e os alunos. Nessas veredas, para usar o termo de Guimarães Rosa, não há como negar que existem inúmeras possibilidades de caminhos. Lygia Bojunga, escritora que pesquisei no mestrado acadêmico em Literatura Comparada na Universidade Federal do Ceará (UFC), concede uma pista, quando diz que de tanto observar o jeito dos outros escreverem, a gente vai adquirindo nosso próprio jeito. Concordo com Lygia a respeito da importância da investigação e da pesquisa, no que se refere ao ofício do escritor, o qual deve mesclar talento e trabalhar.

Portanto, concluo o texto abrindo ainda mais as possibilidades dos caminhos da escrita, através de obras importantes que serão úteis tanto para o professor quanto para o aluno, tendo aquele como ponte para este conhecimento. Vejamos algumas dessas obras, dentre tantas outras:

- Eu pesquisei para escrever, de Jean Saunders.
- Para ler como um escritor, de Francine Prose.
- Cartas a um jovem poeta, de Rainer Maria Rilke.
- Cartas a um jovem escritor, de Mário de Andrade/Fernando Sabino.
- Cartas a um jovem escritor: toda vida merece um livro, de Mario Vargas Llosa.

- Criação literária: da ideia ao texto, de Carlos José Laitano.
- A preparação do romance (Volumes 1 e 2), de Roland Barthes.
- Como criar personagens inesquecíveis, de Linda Seger.
- Oficina de Escritores, de Stephen Koch.
- Como contar um conto, de Gabriel García Márquez.

Enfim, tenho me dedicado a uma trilogia cotidiana: à docência, à pesquisa acadêmica e à pesquisa literária. Com alguns textos premiados e publicados em antologias literárias, dedico-me à escrita da dissertação, à produção de um romance e à preparação de oficinas literárias, destinadas a novos escritores, tendo observado que em Fortaleza e, em seus municípios circunvizinhos, há uma escassez de atividades dessa natureza que possam promover o debate sobre o fazer literário.

O cordel para além dos versos

Wellington Gomes de Souza⁴
 wellington.souza@escola.ce.gov.br

- Fontes teóricas para o trabalho com o cordel em sala de aula

O trabalho com literatura de cordel, em sala de aula, permite ao professor a exploração de um vasto terreno, fértil para o ensino de língua. Embora exista o pensamento de que a literatura popular seja de natureza simples, concebida de modo inferior em relação à literatura erudita, principalmente por estar relacionada às camadas menos favorecidas da sociedade, é preciso que consideremos a sua riqueza cultural e social, assim como o valor para a construção de situações de aprendizagem na escola.

Essa concepção acerca da literatura de cordel está relacionada ao demérito atribuído a ela, por ser produzida por pessoas simples da sociedade e por ser uma literatura que é predominante nordestina, além de ser de tradição oral. Segundo Alves et al (2011), esse tipo de literatura nunca teve na escola um espaço de abordagem adequado e

4. Professor de Língua Portuguesa da Rede Estadual do Ceará, lotado na EEFM Raimundo Moacir Mota – Assaré/CE. Mestrando do ProLetras na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus Cajazeiras.

foi sempre vista como algo folclórico, longe de uma perspectiva cultural e com caráter anônimo.

Vale ressaltar, porém, que o gosto literário e a avaliação estética do cordel já estiveram em patamares mais elevados, o que desmitifica a ideia de que seja uma literatura menor. Abreu (2006) afirma que, em meados do século passado, período do auge da literatura de cordel, no Brasil, vendiam-se milhares de exemplares. A autora informa que folhetos sobre a morte de Getúlio Vargas, por exemplo, chegaram a vender mais de 200 mil exemplares, enquanto Gabriela, cravo e canela, de Jorge Amado, vendeu apenas 20 mil exemplares em sua primeira edição, em 1958.

Outro equívoco que se estabelece em relação ao folheto de cordel, diz respeito ao pensamento acerca de sua concepção. Apesar de a construção de um folheto parecer simples, há toda uma formalidade a ser seguida em relação à rima, métrica, caracterização de estrofes e, até mesmo quanto ao número de páginas, pois isso determina o gênero escrito, isto é, um cordel com oito páginas narra fatos do cotidiano, os romances são feitos em dezesseis páginas e assim por diante.

Como podemos perceber, a literatura de cordel não é algo tão simplório como muitos pensam. Da mesma forma, o trabalho com folhetos em sala de aula não deve ser considerado como algo folclórico em que se lê uma história ‘engraçada’ e não se explora as nuances peculiares ao conteúdo textual ali presente, extrapolando os limites do texto.

A exploração da leitura do cordel pode ser direcionada para a leitura crítica que é proporcionada pela análise das temáticas dos folhetos. O trabalho de leitura de cordel não deve estar pautado nas questões sistemáticas da língua, pois o que se mede num cordel não é a sua gramaticalidade, mas o seu caráter crítico, muitas vezes velado pelo humor, principalmente nas histórias que narram fatos do cotidiano.

No que diz respeito à escrita, podemos nos pautar nas ideias sobre retextualização, principalmente nos escritos de Matêncio (2003). Nesse sentido, temos o cordel como um modelo cognitivo que representará uma situação efetiva de interação verbal que possibilitará a escrita de novos textos, tendo o folheto como texto base.

Assim, temos condições de trabalhar um novo texto ou, sob a égide do interacionismo discursivo³, um arquiteito, a partir de determinada temática abordada no cordel. Em outras palavras, há a possibilidade da retextualização, ou seja, a produção de um novo texto em “[...] que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portando um novo enquadre e um novo quadro de referência [...]” (MATÊNCIO, 2003, p. 04).

Dessa forma, num contexto educacional em que o ensino de Língua Portuguesa requer a contemplação de várias demandas interacionais, vemos a possibilidade de desenvolvimento de práticas pedagógicas que reflitam os aspectos multiculturais e a multiplicidade semiótica inerente à língua.

É pertinente ressaltar que, diante das inovações tecnológicas e dos diversos suportes textuais que temos hoje, o cordel não é visto de maneira atrativa pelos alunos. Contudo, podemos nos valer, por exemplo, das tecnologias para aproximar os folhetos da realidade dos alunos. Rojo (2012) diz que o ensino de Língua Portuguesa “[...] vê-se levado a promover novas práticas pedagógicas que contemplem os atuais letramentos demandados pelas práticas que renovam e inovam as relações sociais e instalam conflitos entre gerações.” (ROJO, 2012, p. 152).

Certamente, há esse conflito em relação ao cordel, visto que é um tipo de literatura que não se enquadra aos anseios literários dos nossos alunos, pois há outras situações de leitura que lhe apeteçam mais o gosto literário. Todavia, as teorias vigentes em relação ao ensino de língua nos norteiam para as possibilidades de desenvolvimento de atividades que possam ter o cordel como texto base.

Assim, apresentaremos algumas experiências literárias que foram pautadas no trabalho com cordel em sala de aula, buscando contemplar as multissemioses do texto, inserindo o folheto nas aulas de Língua Portuguesa numa perspectiva multimodal, à luz das ideias sobre retextualização e interacionismo sociodiscursivo.

3. O Interacionismo sociodiscursivo – ISD – trata-se de uma proposta de ensinagem em que a atividade de linguagem é vista como um fenômeno coletivo de elaboração e prática de circulação de textos. É uma meta-atividade que (re)semiotiza as possibilidades de interação a partir de uma língua natural. (Cf. Jean Paul Bronckart, 1999).

Experiências literárias com o cordel em sala de aula.

O contato com mais apurado com os folhetos deu-se na graduação, quando foi ministrada a cadeira sobre literatura de cordel. Nesse momento, ficou perceptível a lacuna na minha formação discente em relação ao trabalho com folhetos em sala de aula. A partir disso, comecei a fazer conjecturas sobre o ensino de língua e o trabalho com a literatura de cordel na escola, visto que essa literatura faz parte do nosso repertório cultural.

Assim, em 2010, ao ingressar na docência, desenvolvi o projeto Fábulas em Cordel, que tinha como foco a retextualização de fábulas, transformando-as em cordel. Embora tivéssemos como texto base as fábulas, o foco do trabalho era a construção de cordéis a partir das histórias lidas, que eram reescritas em versos, promovendo uma nova situação discursiva.

O objetivo do trabalho, além de promover a escrita de cordéis, era preservar a tradição cultural dos folhetos, associada à Literatura Infantil, visto que, nesse universo, o trabalho com contação de histórias caminha no terreno da oralidade, algo que também é inerente ao cordel. Dessa forma, os alunos envolvidos no projeto visitaram escolas cuja clientela pertencia às séries iniciais do Ensino Fundamental, recitando os versos, dramatizando as histórias cordelizadas, promovendo uma nova visão acerca dos folhetos.

Levando em consideração a literatura como um bem incompreensível, ou seja, que não pode ser negado ao ser humano, de acordo com Candido (2004), o trabalho nessa perspectiva possibilitou ao público-alvo o contato com um tipo de literatura que, o mais das vezes, é omitido pela escola. As crianças têm contato com os clássicos da literatura infantil, consagrados ao longo do tempo, mas, muitas vezes, não têm contato com a sua cultura local.

No ano seguinte, trabalhamos numa perspectiva interdisciplinar, a fim de desenvolver um trabalho envolvendo o ensino de Língua Portuguesa e Geografia, abordando temáticas inerentes à disciplina da área de Humanas, promovendo debates, produções textuais pautadas na proposta de redação do Enem e, como produção final, tivemos a produção de um cordel cujo título é Do lixão

à Globalização, em que se narra situações acerca do desenvolvimento tecnológico e suas consequências para a humanidade.

De outra feita, em 2012, audaciamos mais o trabalho com cordel, buscando produzir um curta-metragem a partir da leitura de um cordel. Assim, depois de leitura de vários folhetos, escolhemos o cordel de Paulo Soares, poeta que foi professor da escola Raimundo Moacir de Alencar Mota, para gravarmos o curta-metragem. O trabalho envolveu uma série de atividades de linguagem, como a análise literária do cordel, a produção de um roteiro para a gravação das cenas, formação dos cenários etc.

Nesse contexto, podemos relacionar as ideias de multiletramentos propostas por Rojo (2012), visto que os alunos empenharam-se para a produção do roteiro, a gravação das cenas, a escolha de trilha sonora, edição de filmes. Em outras palavras, a partir do cordel trabalhado, foi promovido trabalho com a multimodalidade textual, visto que os versos foram transpostos para além da superfície do folheto, com o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs.

Por fim, apresentamos no Café Literário promovido pela Seduc/CE no mês de outubro/2016, o cordel Um morto sem destino, cuja temática versa sobre a situação de um morto que é renegado pelo seu próprio destino e tem seu cadáver perambulando vida a fora.

A proposta de trabalho com o cordel partiu da ideia de discutir sobre determinadas situações narradas em seus versos, a fim de que a discussão pudesse caminhar por outras áreas de conhecimento. O descaso com o cadáver, o comportamento antiético dos policiais ao pilharem os bens do morto, além do fato de o sujeito não poder entrar no céu por não ser batizado, puderam gerar várias reflexões que transpunham as barreiras do ensino de Língua Portuguesa.

Por isso, podemos trabalhar as situações observadas em aulas de Filosofia e Sociologia e até de mesmo de Ensino Religioso, no caso das turmas de oitavo e nono da escola.

Em relação à Língua Portuguesa, podemos criar um circuito de gêneros a partir do trabalho com o cordel. Tendo como referência a proposta de trabalho de Baltar et al (2006) com vistas a produção de atividades significativas de linguagem a partir do ISD, propusemos aos

alunos o desafio de produzir diversos gêneros textuais, tendo como texto base Um morto sem destino.

A partir da interação verbal, suscitamos várias possibilidades textuais sobre o cordel, a começar pela capa do folheto, que foi produzida por um aluno de uma da escola. Nesse sentido, com base nas situações apresentadas no texto, pudemos pensar sobre a produção do laudo pericial a respeito da causa mortis do sujeito; o atestado de óbito do morto.

Da mesma forma, podemos imaginar que o delegado intimou algumas pessoas que estavam presentes no momento do ocorrido para colher informações sobre eventuais suspeitos do crime. Assim teríamos a produção do gênero oral depoimento.

Há, também, no cordel, a informação de que “o assunto foi notícia / Tudo quanto era jornal”, o que possibilitou caminhar por gêneros da esfera jornalística, como a reportagem e a notícia.

Vale dizer que a escrita desses gêneros não ocorreu nem ocorreria de maneira instantânea, pois os alunos deveriam proceder com um trabalho de pesquisa sobre determinados gêneros, como é caso do laudo pericial, que não faz parte da esfera comunicativa deles. O foco da proposta seria a percepção das várias possibilidades de produção textual, a partir de um texto base.

Em suma, são inúmeras possibilidades de abordagem sobre o cordel, que vão além da confecção de versos, podendo caminhar por várias situações discursivas, tanto sob o aspecto linguístico, considerando o folheto com uma ferramenta multimodal e multicultural, quanto sob o aspecto interdisciplinar.

E, em tom conclusivo, podemos dizer que temos no trabalho com folhetos de cordel uma miscelânea de situações de aprendizagem que podem contribuir para que seja dada a devida importância a esse gênero em sala de aula. Vale dizer, ainda, que a literatura de cordel encaixa-se em quaisquer momentos no ensino de língua, visto que sua produção não é condicionada a um determinado movimento literário, o que proporciona ao professor inseri-la em suas aulas quando lhe aprouver.

Referências

ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BALTAR et al. Circuito de gêneros: atividades significativas de linguagem para o desenvolvimento da competência discursiva. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão, v. 6, n 3., p. 375-387. set/dez, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo / Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. ANAIS DO III

CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2003.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Benta Lúcia Tagliari (organizadoras). Leitura literária na escola: reflexões propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

Prática Docente e atividade literária: “Os vários usos e diferenciadas utilidades da literatura de cordel em sala de aula”

Autor: Antonio Helonis Borges Brandão. Doutorando em História (UFF\URCA) e professor de História da rede estadual de ensino do Ceará

A literatura de cordel é um gênero literário bem brasileiro e que dispõe de uma temática das mais ricas e variadas, que dialoga com uma infinidade de áreas, seja no âmbito da arte, da cultura, bem como no campo educacional.

Na minha trajetória de pesquisador da chamada cultura popular, encontrei no cordel uma das melhores expressões para estabelecer um diálogo intercultural, interdisciplinar e transversal de um objeto de estudo abrangente e que serve como ferramenta educacional, seja no aspecto mais genérico da informação ou mesmo no âmbito da formação, propriamente dita, de nossos educandos.

Assim, o folheto de cordel tem sido um instrumento bastante eficaz de construir conhecimentos junto ao aluno, pois permite um amplo espectro de possibilidades, que vão da produção literária à reflexão crítica sobre a nossa realidade, ainda pode ser uma prática coletiva para fortalecer identidades, bem como eficiente meio de expressão artística e cultural.

A literatura de cordel é bastante acessível em sua forma e formato, assim ela pode ser útil como ferramenta educativa, pois requer um baixo preço para ser produzido, tem um formato volante e de bolso, assim como comporta uma linguagem fácil, se materializando em um instrumento importante de educação e conscientização cidadã.

Além disso, o cordel permite o registro e documentação dos fatos históricos em forma de poesia, desenvolve habilidades e competência da escrita e da leitura, exprime a identidade cultural do nosso povo, através de um gênero literário genuinamente brasileiro, enfim é linguagem, leitura, sons e imagens, sob a forma de poesia.

Já tenho desenvolvido oficinas com os alunos e produzido cordéis coletivos nas escolas em que lecionei ou fui gestor, em que apresento os aspectos formais, de sua composição no texto, e que se apresenta sob a forma da voz, do verso, da métrica, do ritmo, da rima e da oração.

Também apresento os aspectos materiais e de composição gráfica do folheto: impresso em pequenas gráficas e em diversos formatos e tamanhos, geralmente em papel jornal; a impressão é sob a forma tipográfica e, mais recentemente, também em off-set; com ilustração na capa, ou não, utilizando técnicas diversas, tais como: linogravura, xilogravura, desenho em monocromia, tricomia e policromia, aparecendo também, como inovação, o desenho digital.

Enquanto professor de História, gestor escolar, educador e estudioso da nossa cultura, posso indicar que ao utilizar-se do gênero cordel em sala de aula, os profissionais da educação tem uma riqueza de possibilidades na produção de conhecimentos significativos, que os aproximam de uma diversidade temática, podendo implementar a propalada e tão pouco experimentada transdisciplinaridade, em temas transversais e necessários na formação cognitiva e cidadã de nossos educandos.

Bibliografia

ABREU, Márcia. História de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

_____. (org.) Leitura, história e história da leitura. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1999.

BRANDÃO, Antonio Helonis Borges. O cordel relato político: a institucionalização do “popular” na literatura de cordel em Fortaleza (1979-1988). 2000. 219 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LIMA, Arievaldo Viana. Acorda cordel na sala de aula. Fortaleza: Tupynamquim, 2006.

MENDES, Simone. Cordel nas Gerais: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

4. In(conclusões)

Diante das reflexões acerca da importância dos Cafés Literário e Acadêmico, depreendemos o quão se torna significativo o trabalho da sensibilização artístico-literário promovido pelas diferentes manifestações da 'Arte', que agrega as mais variadas linguagens, desenvolvendo no aluno tanto a fruição quanto à análise estética. O Café Literário e Acadêmico foi promovido pela Gestão Pedagógica (Codea/SEDUC- Ce), durante o mês de outubro de 2016, concretizando-se como uma ação exemplar em relação a atividades de disseminação na área do saber, referente à pesquisa científico-acadêmica e literária. Movimento este que serviu de integração entre docentes, servidores e alunos, inerente à formação humana por meio da Arte. Essa ação foi construída por meio de uma percepção de alteridade, isto é, a de valorização dos diferentes olhares dos protagonistas quanto produções acadêmicas e literárias.

A fim de justificar a consolidação desses movimentos de teor reflexivo e prático no espaço escolar, tendo em vista o professor como protagonista, os eventos foram planejados e executados com o objetivo de oportunizar aos professores a apresentação e a socialização de trabalhos para uma comunidade educacional interessada na contribuição de produtos acadêmicos e literários, os quais possam intervir de forma positiva na realidade de sala de aula.

As apresentações dos trabalhos acadêmicos e literários se definiram como uma das vertentes pedagógicas, no que diz respeito ao segmento docente da rede estadual de ensino, favorecendo, portanto, a otimização da ação desse segmento, tendo em vista impactar nos resultados de valorização profissional, cujo objetivo é o de contribuir da melhor forma possível com o processo de ensino e de aprendizagem. Este sob a ótica de uma ação que se traduza em uma

reflexão teórica e prática no âmbito escolar.

É de intuito, portanto, da Secretaria da Educação primar pela continuidade dessa ação, denominada “Café Acadêmico e Literário”, com vistas de fazer jus ao segmento docente, no mês de outubro, mais precisamente no dia 15 de outubro. Entretanto, é de concepção dessa Instituição que esse reconhecimento de valorização profissional se estenda por todo o referido mês.

Nesse sentido, buscamos fazer valer a autonomia cultural e intelectual de seus docentes, através de apresentações de trabalhos de sua autoria, privilegiando, assim, o desenvolvimento da intuição e da criatividade desses profissionais com seu jeito de pensar de forma coerente e articulada.

Mediante dessa linha de pensamento, aqui se interpreta o pensamento de Paulo Freire – Romper silêncios, a fim de que a distância entre o que se diz e o que se faz se reduza, não esquecendo, todavia, que o que é falado se transforme em prática ... e, assim, partilhar com

CODEA
Coordenadoria de Desenvolvimento
da Escola e da Aprendizagem
Gestão Pedagógica





GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Secretaria da Educação

CODEA

| Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem
Gestão Pedagógica